

SELEÇÕES EM FOLHA

Breve: www.haiku.sf.nom.br

Ano X, Nº 11 – 2006, NOVEMBRO
Assinatura até Dezembro de 2007: 14 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Yo visitaré anhelante
los rincones donde a solas
estuvimos yo y mi amante
rotozando con las olas.
Solas los dos estuvimos,
solos, con la compañía
de dos pájaros que vimos
meterse en la gruta umbría.

Y ella, clavando los ojos,
en la pareja ligera,
deshizo los lirios rojos
que le dio la jardinera.
La madreselva olorosa
cogió con sus manos ella,
y una madama graciosa,
y un jazmín como una estrella.

José Julián Martí 1853-1895, Versos Sencillos, Canto IV
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Ninguém mais pode ouvir cigarra o dia inteiro...
Nem colos têm agora a tepidez de um ninho.
Não há exclamações assim: Jamais! Jamais!
E o Cristo de marfim não fita tanto a ela.
O lenço já não vai mais côncavo de beijos,
nem Fídiás quebrará cinzéis ao contemplá-la.
O cisne se cansou na busca de outro cisne,
nem luta mais Pastor pela serrana bela.

Saudade ninguém tem da aurora de outra vida...
Perderam-se a madeixa e aquele sonho alado
nas pulverizações balsâmicas da luz.

Ninguém é de ninguém. Cocalizou-se o néctar.
O mancebo fidalgo hoje é chamado bárbaro
e a boneca mulher não enrubesce a face.

Alaor Eduardo Macuco Scisínio de Araujo, Hodierno

Anatomicamente interpretados,
consideram-se os pés sob o conceito
de cinquentá e dois ossos conjugados
num equilíbrio sólido e perfeito.

Mas sobre eles existe o preconceito
de que somente quando bem calçados
conseguem revelar-se sem defeito
e calculadamente modelados.

De que vale o artifício da beleza,
quando traduz o exótico desejo
de adular a própria Natureza?

Mas desta forma muitos vão julgando
porque não vêem teus pés tal como eu vejo,
libertos da prisão de quando em quando...

Francisco Pimentel, Teus Pés

Ficaram para trás os dissabores
que o nosso amor transpôs, galhardamente:
brigas, ciúmes, mágoas, queixas, dores,
ah! como agora é tudo diferente!

Se entre os cardos colhemos poucas flores
já não ocorre o mesmo no presente:
o nosso céu tem hoje mais fulgores,
a lua é mais brilhante e o sol mais quente.

Vamos, querida, aproveitar a sorte:
és bela e jovem, eu sou moço e forte,
e em nosso amor já nada mais destoa.

Vamos, depressa, construir um ninho
de paz, compreensão, amor, carinho,
que a vida corre e a mocidade voa!

Ennio Quintanilha Sanches, Canção do Amor que Te Dou

37 Poetas Fluminenses – Supervisão: Jacy Pacheco, Lyad de Almeida e Luis Antônio Pimentel, 1963 – Gráfica Falcão Ltda., Niterói, RJ

O lençol, conforme o assentas,
traz-me a imagem fugidia
de um mar, que após as tormentas,
amanhece em calmaria!

Antônio de Oliveira, 9704
II Menestrel da Trova,
UBT – Seção de Juiz de Fora

Teu beijo, quando vem vindo
ao lado do teu sorriso,
parece um anjo me abrindo
as portas do Paraíso!

Eduardo A. O. Toledo, 0610
Trovalegre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Bem mais do que dar conselhos,
seja exemplo em atitudes:
sempre que os pais são espelhos,
filhos refletem virtudes.

Gerson César Souza, 0501
O Pitiguar: Rua Guanabara 542,
59014-180 – Natal, RN

Se a vida perdeu o encanto,
não desistas de lutar...
O valente faz do pranto
mais um rio a navegar!

Maria Lúcia Castanho, 0608
Trovamar, Rua 2700, 71, Apto. 302
88330-374 – Balneário Camboriú, SC

Nas ruas da minha vida,
muitas pedras eu saltei...
e a pequenina, escondida,
foi nela que tropecei!

Vera Mª de Lima Bastos Braz
† 30.08.06, Trovaregre 0610
www.ubtpa.hpg.com.br

Há qualquer coisa celeste
neste feliz pensamento:
*Modéstia é a roupa que veste
muito melhor o talento.*

Ziver Ritta, 0111
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

A saudade não tem cor
mas se o passado entra em cena
posso jurar meu amor,
...minha saudade é morena!
Campos Sales

Cada vez eu me convenço
de ter chegado à verdade
ah, pelo adeus de teu lenço
também é branca a saudade!
Antonio C. T. Pinto

A saudade é cor lilás
– veste de moça bonita!
Que coisas lindas nos traz
com luz de estrela infinita!
Nilton Manoel

A saudade é colorida
quando há lembrança ditosa
por exemplo: em minha vida
a saudade é cor-de-rosa!...
Oefe Souza

Saudade, meu grande amor
pelo tamanho, acredito:
– é azul, pois foi a cor
que Deus pintou o infinito.
Regina Célia de Andrade

Acho que é verde a saudade
como verde é a esperança,
pois saudade é a vontade
de ver de novo... E não cansa!
Renato Alves

XIV Concurso Municipal e Nacional de Trovas 2006 – Casa do Poeta e do Escritor de Ribeirão Preto – CPERP, em Koisalinda 6010

TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE PRIMAVERA

Ainda amanhece...
e um bando de capivaras
surge na lagoa.

Antônio Seixas

No vestido longo,
acrescentou uma ciclama.
E sai desfilando.

Flávio Ferreira da Silva

Acordo assustado
gemidos no telhado.
Gatos em amor.

Helvécio Durso

Cafezal em flor.
Verde a perder-se de vista
repleto de brotos...

João Batista Serra

Dia de Ação de Graças.
A igreja toda enfeitada.
Ouve-se o Te Deum.

Olíria Alvarenga

Palmas no teatro.
Sinfonia Inacabada.
Semana da Música.

Roberto Resende Vilela

Um templo vazio.
Enquanto faça uma prece
quanto a corruína.

Sérgio Francisco Pichorim

HAICUS EM FOLHA

Balança uma rosa
na aragem fresca da tarde
borboleta pouso. A

Alba Christina

No jardim florido,
com leves toques, a aragem
espalha fragrâncias. I

Amália Marie Gerda

Brisa perfumada
e as flores de cerejeira
cerceadas de pássaros!... N

Amália Marie Gerda

Flor de cerejeira,
caída, forra o chão
ao redor da camp. F

Amauri do Amaral Campos

Por todas as portas
operárias vêm e vão.
Mel de jataí. N

Amauri do Amaral Campos

Refrescando tudo,
a aragem passa de leve
pela praça inteira. S

Analice Feitosa de Lima

Na campina verde
a aragem, mansamente,
penteia o capim. A

Angélica Villela Santos

As crianças catam
as flores de cerejeira
na porta da escola. S

Antônio Seixas

Despontam as flores
no galho da cerejeira.
Abelhas zunindo. C

Cecy Tupinambá Ulhôa

No beiral da casa
um ninho de jataí.
Caixa de segredo. I

Cecy Tupinambá Ulhôa

As folhas balançam
espantando os pássaros.
Aragem que sopra. S

Cecy Tupinambá Ulhôa

O sopro da aragem
balança a teia esticada
pra lá e pra cá... E

Darly O. Barros

No rosa suave
da flor de cerejeira,
negras abelhas. S

Denise Cataldi

Noite muito quente.
Vem pela janela aberta
uma suave aragem. I

Djalda Winter Santos

No Jardim Botânico,
natureza exuberante;
jataí frondoso. I

Djalda Winter Santos

Em frente ao pagode,
as flores de cerejeira
colorem a praça. C

Elen de Novais Felix

Velho jataí,
braços abertos ao céu
derramando sombras... N

Elen de Novais Felix

Ao sabor da aragem,
rosas espargem aromas,
dentro de meu quarto. S

Elen de Novais Felix

Pétalas caíndo
de flores de cerejeira,
cobrem o gramado. F

Flávio Ferreira da Silva

Nas pontas dos ramos,
jataí em mini-cachos.
Pescoco esticado. I

Manoel F. Menendez

Inseto pousado.
No vaivém da folhagem,
ciclar da aragem. S

Manoel F. Menendez

Flor de cerejeira
cai no meio do quintal.
As frutas despontam. N

Mª Marlene N. Teixeira Pinto

Após tempestade,
aragem se faz sentir.
Pessoas mais calmas. S

Mª Marlene N. Teixeira Pinto

Grudado na boca
verde pô do jataí.
Fruta diferente. S

Nadyr Leme Ganzert

Homem sai correndo –
uma aragem repentina
faz chapéu voar. S

Renata Paccola

No ônibus antigo
podem-se abrir as janelas.
Aragem gostosa. S

Renata Paccola

Tardinha de inverno.
Folhas dançando nos galhos.
Aragem soprando. F

Roberto Resende Vilela

A margem do lago,
o branco e o verde mesclados.
Flor de cerejeira. N

Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicuis em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.11.06, quigos à escolha: Confete, Gardênia, Macaréu.

Remeter até 30.12.06, quigos à escolha: Água transparente, Andorinhas partem, Arranca-milho.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuis desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicuis de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuis cujo autor deixar de votar.

T R E V O S		À M O D A O C I D E N T A L E		T R E V O S P E R S O N A G E M		
São só sete cores, mas as crianças procuram o pote de ouro. Alba Christina	Verdes araucárias erguem, serenas, seus galhos e oferecem dádivas... Amália Marie Gerda	A flor de pereira abre-se pela manhã; e cai com a tarde. Amauri do Amaral Campos	Capuchinha. Flores amarelas ou vermelhas, bonito ornamento. Angélica Villela Santos	Jardineira atenta... Os perfumados gladiolos... Alguém cobijando. Anita Thomaz Folmann	Pequena vespa tem ferrão aguçado: picada que dói! Djalda Winter Santos	Movimento das águas deságua no rio a cascata agitada. Edmilson Felipe
Na árvore frondosa, o mais delicado lar de João-de-barro. Elen de Novais Felix	Juiz assegura roubada imagem no altar... – Dia da Cultura. Fernando L. A. Soares	Araponga canta e os metais vão ressoando na árvore oficina. Fernando Vasconcelos	Vê-se urze-de-cheiro – florescer e fenececer – nos jardins da vida. Flávio Ferreira da Silva	Corda se arrebenta na paixão pelo instrumento. Semana da Música. Franciela Silva	Com mel ou sem mel, a vespa, raro animal. E medos à parte. Haroldo Rodrigues de Castro	O primavera, no vaso um lindo chorão enfeita a sala. Helvécio Durso
Zum-zum-zum no ar... A flor beija um beija-flor. Namoro antigo. Héron Patricio	Carícias da brisa! Perfumando a casa inteira, frésia colorida. Humberto Del Maestro	Praia ensolarada, a loura banha-se ao sol e descarta o mar. João Batista Serra	E sempre lustrosa a morena que é bonita, miscigenação! Jorge Picano Siqueira	Na flor de pereira, louras abelhas lanchando. – ô vento malvado... Leonilda Hilsenberg Justus	Odeio rodeto... No trilho, em breve, o potrilho verá ao que veio... Marcelino R. de Pontes	Um tronco bem alto... e a casa à prova de enchente do João-de-barro... Maria Madalena Ferreira
Ao entardecer a chilrada nas árvores alegre a pracinha. Maria Reginato Labruciano	Dia da Bandeira tremula no mastro a vida ordem e progresso. Nilton Manoel Teixeira	Crianças saudáveis esperam pela vacina; lágrimas presentes. Olga dos Santos Bussade	Lua enevoada. Relembrando lua antiga, o roceiro chora. Olíria Alvarenga	Na mesa do bar iguaria do mar comida, siri. Osmar de Souza Lima	Água na panela capuchinhas com sal... flores e bolhas. Rosângela Aliberti	A noite vai alta. Lua enevoada não vê amantes fugazes. Walma da Costa Barros

O G A L E G O E O C A V A L O D O R E I

Certa vez aconteceu um fato curioso com um galego que era criado de um rei.

Esse rei tinha um belíssimo cavalo branco. E o prezava mais que a todas as riquezas que possuía. Gostava tanto do animal, que anunciou que seria capaz de mandar para a forca o homem que lhe trouxesse a notícia mais triste do mundo. E quando lhe perguntaram que notícia seria essa o rei respondeu sem hesitação:

– A morte do meu cavalo, oras. O que mais poderia ser?

Algum tempo depois, um soldado andaluz estava cuidando do cavalo, como fazia todas as manhãs. De repente, o animal se assustou. Relinchando, deu um coice no ar com tanta força, que escorregou e quebrou uma pata. Sem outra alternativa, o soldado teve de sacrificá-lo ali mesmo. Depois, começou a tremer de medo, pois conhecia muito bem a ameaça do rei. E não duvidava que ele fosse capaz de mandar enforcá-lo.

Apavorado, o soldado chegou a molhar a camisa, de tanto que transpirava e tremia. O galego, que naquele momento entrava na cocheira, deparou-se com um triste quadro: o cavalo sem vida e o soldado pálido como um fantasma, a ponto de sofrer um ataque e cair ali mesmo, ao lado do animal.

– O que aconteceu? – perguntou o galego.

O soldado contou, mas sua voz soava tão trêmula, que o galego o interrompeu:

– Espere um pouco enquanto vou buscar um copo de água. Você precisa se acalmar, homem.

O galego voltou rapidamente:

– Pronto, aqui está. Trate de beber a água em pequenos goles e tome cuidado para não se afogar.

O soldado obedeceu. E com um olhar de gratidão, devolveu o copo ao galego.

– Obrigado, amigo.

– Sente-se melhor?

– Não muito... Pois minha vida está por um fio.

– Calma – o galego recomendou. – Conte-me o que aconteceu.

O soldado assim o fez. No final, disse:

– Você estava presente quando o rei deu a minha declaração?

– Sim. Ele jurou que mandaria enforcar...

– O homem que lhe levasse a notícia da morte de seu cavalo – o soldado completou, voltando a tremer como uma vara verde no meio da ventania.

– Sabe de uma coisa? – disse o galego. – Acho que vou livrá-lo dessa encrenca.

– Mas como?

– Encarregando-me de levar a notícia ao rei.

– Agradeço, mas isso não é justo. Não quero que você seja morto em meu lugar.

– Acontece, meu amigo, que não pretendo morrer tão cedo.

– E o que você tenciona fazer?

Isso é comigo. Agora, trate de levar o cavalo para o pasto. – E o galego se afastou, muito tranquilo e confiante.

Com um suspiro de alívio, o soldado andaluz apressou-se a cumprir a ordem do galego. Pediu a outros criados que o ajudassem, colocou o cavalo numa carroça e deixou-o no pasto.

O galego entrou no palácio do rei e disse aos guardas que tinha uma notícia importante. O rei, que tratava com deferência os empregados responsáveis por seu belo cavalo, não tardou a recebê-lo.

– E então? – perguntou. – O que há?

– Saiba Vossa Majestade que o cavalo branco está jogado lá no pasto, com moscas entrando-lhe pela boca e saindo-lhe pelo rabo.

O rei, assustado, exclamou:

– Mas, homem, isso quer dizer que ele morreu!

– Ah, eu não sei, majestade, pois não sou veterinário.

Assim, o galego escapou da forca, pois não tinha sido ele, e sim o rei, quem havia dito que o cavalo estava morto.

Contos Populares Espanhóis, Yara Maria Camillo – Landy Editora, 2005 – www.landy.com.br – Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez

A M O Ç A Q U E V E N C E U O R E I

Um rei tinha um camareiro muito de sua estimação e confiança que, gozando toda estima, acabou sendo invejado e lhe levantaram falso, intrigando-o com o seu senhor. O Rei acreditou nas intrigas e começou a pensar numa maneira de perder o seu privado, fazendo-o desobedecer a uma ordem real. Ora, o camareiro tinha uma filha muito esperta e muito sua amiga. Sempre aconselhava ao pai e este escapava a todas as ciladas que os

inimigos preparavam.

O Rei veio a saber que era a filha do camareiro que o estava defendendo e resolveu ir ao fim de uma só vez. Chamou-o e lhe disse:

– *Amigo, diga a sua filha que me venha ver amanhã, nem de noite nem de dia, nem nua e nem vestida, nem a pé nem a cavalo, nem na terra e nem no ar. Ela é esperta, que desfaça o que lhe mando fazer.*

Foi-se o pobre camareiro a chorar e a

filha, ouvindo-o dizer a ordem do rei, sossegou-o.

– *Deixe lá, meu pai. Amanhã irei como o Rei deseja.*

Pela madrugada, antes que o sol saísse, a moça vestiu uma camisa de cambraia, curta e sem mangas, montou num cavalo de pau, mandando que um velho criado puxasse, levantando-o do chão, por uma extremidade. E assim chegou ao palácio nem de dia nem de noite, nem nua nem vestida, nem a pé

nem a cavalo, nem na terra e nem no ar.

O Rei achou muita graça na inteligência da moça, abraçando-a e restituindo ao camareiro toda sua confiança. Mandou que a moça ficasse com ele, voltando para casa no outro dia. E lhe disse:

– *Seu pai continua meu amigo e privado. Quero dar-lhe uma lembrança pela sua esperteza. Escolha neste palácio o que mais lhe parecer agradável e pode levar para casa.*

A moça pôs uma dormideira no leite do Rei e quando este adormeceu mandou-o carregar para sua casa. O Rei dormiu até sol alto, e acordando-se, perguntou que lhe havia acontecido.

Respondeu a moça: – *Nada de maior. Cumpri as ordens do Rei. Trouxe o que mais me pareceu agradável possuir para mim.*

O Rei ficou muito satisfeito com a resposta da moça e desposou-a.

Luis da Câmara Cascudo, Os Melhores Contos Populares de Portugal, Edições de Ouro

D O M F U L A N O D E T A L

Um cavaleiro morreu e, enquanto subia ao Céu, pensou: “Seria muito bom encontrar a alma do meu tio que morreu no ano passado.”

Chegando ao Céu, viu um longo corredor com várias portas. Bateu de leve, na primeira, e foi atendido por um homem muito alto, que irradiava uma forte luz:

– Pois não? – disse o homem, que na verdade era um anjo da mais alta hierarquia celestial. Vendo que o cavaleiro era um recém-chegado, saudou-o: – Que sua alma seja bem-vinda e desfrute da santa paz de Deus, por toda a eternidade.

O homem agradeceu e explicou que durante aquele última jornada tinha sentido saudades de seu tio. Por isso, gostaria de encontrar a alma dele.

– Como se chama seu tio? – o anjo perguntou.

– Dom Fulano de Tal.

O anjo consultou a lista de moradores daquele recanto do paraíso e respondeu:

– Aqui a alma dele não está. Por que o senhor não bate em outra porta para ver se consegue encontrá-la?

Agradecendo a sugestão, o cavaleiro foi até a porta ao lado e bateu. Dessa vez, foi atendido por um senhor de longa barba, que disse:

– Vejo que acaba de chegar. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Sim, estou procurando a alma do meu tio, que morreu no ano passado. Gostaria de saber se posso encontrá-la aqui.

– Vou verificar. Mas, antes, preciso do nome do seu tio.

– Dom Fulano de Tal – o cavaleiro respondeu.

O homem barbudo consultou uma longa lista e por fim disse:

– Não está aqui.

O cavaleiro agradeceu a atenção do velho senhor, que talvez fosse São Pedro, e bateu à porta seguinte... Depois, à outra... E em todas as outras. Mas a resposta que recebia era sempre a mesma: a alma do seu tio, Fulano de Tal, na estava lá.

Por fim, o cavaleiro já havia batido em quase todas as portas... Faltava apenas uma, situada em outro patamar, abaixo de onde ele se encontrava.

“Não vou desistir justo agora”, pensou o cavaleiro, experimentando pela primeira vez a sensação de não ter peso, de não estar sujeito à ação da gravidade. Flutuando, desceu até o patamar onde havia apenas uma porta. Caminhou até lá e bateu. Foi atendido por um homem de expressão sombria, que perguntou:

– O que deseja, cavaleiro? Pelo que me consta, o senhor pertence ao patamar de cima.

– De fato, foi para lá que me enviaram. Mas estou à procura da alma de meu tio, que morreu no ano passado. Como não a encontrei lá em cima, resolvi procurar aqui embaixo.

– Muito bem. Qual é o nome de seu tio?

– Dom Fulano de Tal.

O homem pensou por alguns instantes e, por fim, respondeu:

– Não há nenhuma alma aqui com este nome. Com licença. – E fechou a porta.

O desânimo ameaçava abater o cavaleiro, que já ia retornando,

quando avistou outro patamar, muito abaixo de onde se encontrava. Desceu até aquele triste local, impregnado de um odor acre. Nuvens pesadas pairavam por ali, num clima de desolação e abandono.

A passos largos, o cavaleiro se dirigiu à única porta que avistou. Bateu e foi atendido por um homem de orelhas pontiagudas e longa cauda, que lhe disse:

– Você não parece um dos nossos. O que veio bisbilhotar por aqui?

O cavaleiro apressou-se a explicar:

– Estou procurando a alma do meu tio. Já bati em todas as portas do paraíso e até no purgatório, mas não o encontrei.

De má vontade, o homem perguntou:

– E como se chama seu tio?

– Dom Fulano de Tal.

– Não há aqui ninguém com esse nome – disse o homem de orelhas pontiagudas, batendo a cauda de um lado para o outro.

– Mas não pode ser – o cavaleiro protestou, exasperado. – Meu tio morreu no ano passado... E sua alma deve ter ido para algum lugar!

O homem fez menção de bater a porta na cara do cavaleiro. Mas de repente perguntou:

– Diga-me, qual era a profissão do seu tio?

– Agiota – respondeu o cavaleiro.

– Ah, então está explicado... Pode desistir de procurar, meu caro, porque os agiotes não têm alma.

Contos Populares Espanhóis, Yara Maria Camillo – Landy Editora, 2005 – www.landy.com.br – Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez